

MITO, EXPLICAÇÃO DE REALIDADE DESCONHECIDA

Everaldo Araújo de Lucena

Graduação - Bacharel em Teologia, Filosofia e Psicopedagogia. Licenciado em Filosofia, Geografia, Pedagogia, Letra/Português e Formação em Psicanálise.

Pós-graduado Lato Sensu – Especialização em Novas tecnologias em Educação, em Psicopedagogia, em Psicanálise e em Geografia na Educação Básica.

Pós-graduação Stricto Sensu – Mestre em Gestão Educacional e Doutor em Ciências da Educação.

E-mail: everaldoaraju508@gmail.com

RESUMO: O presente artigo desenvolveu uma reflexão sobre o Mito quanto aos povos primitivos em busca de respostas aos próprios anseios e inquietações. Para tanto, objetiva-se em refletir sobre mito como explicação de realidade desconhecida de um povo primitivo, situando no mundo, embora fantasiosamente, ingenuamente, mas que estabelece verdades que não só explicam fenômenos naturais, mas que dão, também, as formas da ação humana. O presente trabalho não com intuito de dar resposta, mas proporcionar uma reflexão sobre a temática, a partir de um estudo teórico com enfoque qualitativo e nível bibliográfico, busca-se, do mesmo modo, um entendimento ao pensamento mítico consistindo em uma forma pela qual um povo explica aspectos essenciais de realidade em que se vive.

Palavras-chaves: Mito, Povos Primitivos, Realidade.

1 Introdução

Falar de mito é uma probabilidade de busca que possibilita oportunidade de conhecimento, atendendo às necessidades pessoais, explicando por que a vida é assim como é, já que o homem está sempre buscando soluções para as indagações que vão se revelando ao longo da história da qual pelos fatos e acontecimentos, o homem racional inserido em uma sociedade de tantas controvérsias, encontra-se instigado a procura de saídas para suas próprias angústias e inquietações mediante obstáculos, que os proporcionam a estabelecer uma investigação constante de respostas que venham explicar a realidade.

Nessa perspectiva, tentar compreender o mito é, no mínimo, empolgante, pois, proporciona a um desenvolvimento do pensar a partir de uma narrativa tradicional, conduzindo a reflexão de uma determinada cultura. Nesse sentido, o presente trabalho objetiva-se em refletir sobre mito como explicação de realidade desconhecida de um povo primitivo, situando no mundo, embora fantasiosamente, ingenuamente, mas que estabelece verdades que não só explicam fenômenos naturais, mas que dão, também, as formas da ação humana.

A busca de uma compreensão sobre o mito dos povos primitivos, norteia-se o presente trabalho não com intuito de dar resposta, mas proporcionar uma reflexão sobre a

temática, a partir de um estudo teórico com enfoque qualitativo e nível bibliográfico. Busca-se, do mesmo modo, um entendimento ao pensamento mítico consistindo em uma forma pela qual um povo explica aspectos essenciais de realidade em que se vive.

Dessa forma, procurando refletir os problemas da filosofia no decorrer da história, pelo pensamento mítico, pretende-se minutar um pouco sobre o Mito, mergulhando sinteticamente quanto a percepção do Mito como primeira explicação da realidade. Portando, justifica-se o presente trabalho em descrever de forma reflexiva os resultados obtidos através da temática em questão, demonstrando as contribuições obtidas, colaborando com a construção do conhecimento.

2 Mito como Narrativa Tradicional, explicando os desconhecidos de uma cultura

Diante de uma realidade desconhecida e desconcertante, o homem primitivo perplexo no que encontrava e para conviver e sobrepor-se a essa realidade longe de si, sua razão exigia uma ordenação mental daquilo que estava longe dele e que ao mesmo tempo poderia dominar.

Nesta ocasião conturbadora pela confusão caótica do real, o mito foi esta ordenação primeira que tenta explicar tanto a ordem da natureza como da ordem social. Evidentemente diz Tales (1986, p.11): “o pensar mítico fornecia uma ordenação mental do mundo, capaz de satisfazer às exigências racionais da mente primitiva”, assim, o pensar mítico fazia os primitivos a terem atitudes, disposições e comportamentos institucionalizados em um grupo e capaz de caracterizá-lo num pensamento consciente, onde o mito era a verdade de suas soluções, seja de ordem da natureza como de ordem social.

Nesta perspectiva, apodera-se da realidade ou de alguns de seus elementos onde os povos primitivos a satisfaziam. Isto porque, segundo Tales (1986, p. 11) “o mito é aquele tipo de pensamento feito em elementos sensíveis e concretos. Ao mesmo tempo, é um conhecimento representativo do meio e de seus problemas”.

Nesse contexto Tales (1986), faz-nos entender que a narrativa mítica, explica uma realidade sociocultural, numa linguagem construída de elementos sensíveis e nunca de leis, como princípios, causas ou generalizações e abstrações, mas de visões próprias da natureza e maneiras diversas de explicar os fenômenos e processos naturais de como entender a realidade

que sistematicamente não eram tão claras ao entendimento dos povos que antecederam na cultura grega.

Como afirma Marcondes (2000, p. 20):

O pensamento mítico consiste em uma forma pela qual um povo explica aspectos essenciais da realidade em que vive: a origem do mundo, o funcionamento da natureza e dos processos naturais e as origens deste povo, bem como valores básicos. O mito caracteriza-se sobretudo pelo modo como estas explicações são dadas, ou seja, pelo tipo de discurso que constitui. O próprio termo grego *mythos* significa um tipo bastante especial de discursos, o discurso fictício ou imaginário, sendo por vezes até mesmo sinônimo de mentira.

O Mito, segundo Marcondes (2001, p. 20) em sua “origem cronológica é indeterminada e sua forma de transmissão é bastante oral”, fixava-se numa forma definitiva e tornava-se história verdadeira ocorrida no tempo primordial, realidade nova que passa a existir, algo que não era, começa a ser, e de outro lado, o mito é sempre uma representação coletiva que demonstra o mundo e a realidade humana (Brandão, 2000).

Segundo Brandão (2000, p. 36):

O mito expressa o mundo e a realidade humana, mas cuja essência é efetivamente uma representação coletiva, que chegou até nós através de várias gerações. E, na medida em que pretende explicar o mundo e o homem, isto é, a complexidade do real, o mito não pode ser lógico: ao revés, é ilógico e irracional. Abre-se como uma janela a todos os ventos; presta-se a todas as interpretações. Decifrar o mito é, pois, decifrar-se.

Assim, o mito por ser uma maneira de organizar um conhecimento sobre a realidade, partindo de uma tradição cultural numa dimensão coletiva, assegura Marcondes (2001, p. 20):

O mito configura assim a própria visão de mundo dos indivíduos, a sua maneira mesmo de vivenciar esta realidade. Nesse sentido, o pensamento mítico pressupõe a adesão, a aceitação dos indivíduos, na medida em que constitui as formas de sua experiência do real. O mito não se justifica, não se fundamenta, portanto, nem se presta ao questionamento, à crítica ou à correção. Não há discussão do mito porque ele constitui a própria visão de mundo dos indivíduos pertencentes a uma determinada sociedade, tendo, portanto, um caráter global que exclui outras perspectivas a partir das quais ele poderia ser discutido. Ou o indivíduo é a partir dessa cultura e aceita o mito como visão de mundo, ou não pertence a ele e, nesse caso, o mito não faz sentido para ele, não lhe diz nada.

Nesta perspectiva, os gregos concebiam o mito como uma tentativa de explicar a realidade de maneira assombrosa, maravilha, sem questionar sua veracidade, fugindo-se de uma

discussão crítica, que fazia distanciar de visão de mundo que apresentava, levando as pessoas a reconhecerem o mito como única forma de ver o mundo na sociedade que vivia

Quanto ao pensamento mítico e de sua forma de explicar a realidade, prossegue o autor Marcondes (2001, pp. 20-21):

É o apelo ao ‘sobrenatural’ ao ‘mistério’, ao sagrado, à magia. As causas dos fenômenos naturais, aquilo que acontece aos homens, tudo é governado por uma realidade exterior ao mundo humano e natural, superior, misteriosa, divina, a qual só os sacerdotes, os magos, os iniciados, são capazes de interpretar, ainda que apenas parcialmente. São os deuses, os espíritos, destino que governam a natureza, o homem, a própria sociedade. Os sacerdotes, os rituais religiosos, os oráculos servem como intermediários, pontes entre o mundo humano e o mundo divino. Os cultos e sacrifícios religiosos encontrados nessas sociedades são, assim formas de se tentar alcançar os favores ou de se aplicar a ira dos deuses.

Deste modo, o que se percebe o mundo religioso, expresso pelo mito em prol de tornar inteligível uma realidade, é muito forte na cultura dos povos primitivos, onde os elementos sobrenaturais e misteriosos eram uma explicação real, significativo e satisfatório como resposta ao mundo desconhecido e desconcertado que predominava.

No decorrer da história no que se diz respeito da mitologia grega distância do momento da narrativa, das circunstâncias e da maneira como aquela se converteria numa ação sagrada, isto porque só se conhecem de forma escrita através da poesia, da arte figurativa e da literatura erudita, que levava a redução do mito, como expressa Brandão (2000, p. 26-27):

A redução do mito a uma obra-de-arte que traz outra conseqüência com vistas à documentação mitológicas [...] Acontece que, dado o imenso prestígio da poesia na Grécia, a variante apresentada por um grande poeta impunha-se à consciência pública, tornando-se um “mito canônico”, com esquecimento das demais variantes, talvez artisticamente menos eficazes, mas nem por isso, menos importante do ponto de vista religioso.

Para tanto, a mitologia grega expressa de forma escrita, é comum a quase todas as mitologias antigas, pois, houve uma ligação muito forte entre literatura, arte figurativa e religião, apesar de que os poetas e artistas gregos não obedeciam tão somente a critérios religiosos, devido os ditames estéticos que a própria poesia, a literatura e a arte exigem (Brandão, 2000).

Na sequência da trajetória das concepções do pensamento mitológico, os gregos apresentam como inovação radical, onde a mutação mental leva conteúdos antigos a serem retornados de uma outra maneira que permite falar em nascimento da filosofia, recuperando as

questões postas pelo mito, explicando racialmente a origem e a ordem do mundo, tornando-se realidades concretas e naturais.

Portanto, afirma Chauí (2002, p. 37) “aquilo que, no mito, eram seres divinos (Urano, Gaia, Oceano) tornam-se realidades concretas e naturais: céu, terra, mar. Aquilo que, no mito, parecia como geração divina do tempo primordial surge, na filosofia, como geração natural dos elementos naturais”, que leva o homem a buscar um conhecimento crítico do mundo real que se vive.

3 Considerações finais

O homem no decorrer de sua existência procura compreender o mundo que o cerca buscando respostas para as suas angústias, anseios e desejos. Os primitivos não tendo respostas científica e, até mesmo, filosófica, eles apudaram-se do mito procurando exprimir sua existência no mundo, tornando-a concreta através da tradição oral pela transmissão e comunicação coletiva, preservando a sua memória e garantido a continuidade da cultura.

Os relatos míticos explicam a realidade concreta, apoiados em uma “lógica do sensível”, conferindo significado e ordem a um mundo aparentemente caótico e desorganizado. Nesse sentido, pode-se considerar o mito uma história sagrada e, porque não dizer, uma “história verdadeira”, porque sempre se refere a realidades como por exemplo: o mito cosmológico é “verdadeiro” porque a existência do mundo ai estar para prova-lo; o mito da origem da morte é igualmente “verdadeiro” porque é provado pela mortalidade do homem, e assim dar-se a veracidade do mito.

O mito é a fé da comunidade nas grandes questões do mundo e da vida, dos deuses e homens, que dá ao povo a matéria do seu pensamento e do seu agir. É algo em si de não filosófico, porque é fantasia à razão com finalidade apenas a si mesmo, cheio de narrativa com significado simbólico atribuindo-lhe maior valor e prestígio ou propiciar a formação rápida de uma tradição capaz de controlar a conduta dos homens.

O mito, para os povos primitivos, é uma forma de explicar o mundo em que viviam os fenômenos e fatos que nele presenciava, pelo meio da crença o que ainda estava confuso e incompreensível; é uma questão das mais alta importância porque ensina as “histórias” primordiais que constituíram existencialmente, e tudo que se relaciona com a sua existência e com seu próprio modo de existir o cosmo com afeto diretamente.

Referência

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega Vol. I.** 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução a História da Filosofia:** dos pré-socráticos a Aristóteles, vol. I. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de Filosofia:** dos pré-socráticos a Wittgenstein. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. **Iniciação à história da filosofia:** dos pré-socráticos a Wittgenstein. 6 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

TALES, Antônio Xavier. **Introdução ao Estudo de Filosofia.** São Paulo: Editora Ática, 1986.